

OS EFEITOS DE SENTIDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA FALA DOS CANOEIROS DO VER-O-PESO

Joaquim Nepomuceno de Oliveira Neto
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Nosso objetivo, neste trabalho, é estudar o uso dos marcadores conversacionais, especialmente o né, aí, assim, na fala dos canoeiros do Ver-o-peso. Para esse estudo, hipotetizamos que esses marcadores adquirem vários efeitos de sentido no decorrer da interação entre informante e documentador.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Efeitos de Sentido; Marcadores; Canoeiros.*
- **ABSTRACT:** *Our aim, in this study, is to analyze the use of conversational markers, mainly né (isn't it), aí (then), assim (so), in the canoeemen's speech of Ver-o-peso wharf. In what concerns this study we have theorized that such markers acquire different meaning effects during the time of the interaction between the informer an the researcher.*
- **KEY WORDS:** *Meaning Effects; Markers; Canoemens.*

1 Introdução

Ao se estudar a língua falada, chamam à atenção, entre outros aspectos, os elementos lingüístico-discursivo-interacionais usados pelos interlocutores, na construção textual, no momento da interação verbal. Por meio desses elementos, entre os quais podemos mencionar *os marcadores conversacionais*¹, os interlocutores visam, em última instância, à intercompreensão, sem a qual não chegaria a bom termo o empreendimento comunicativo/interativo.

Para que possamos estudar, com mais clareza, os *marcadores conversacionais* na fala dos canoeiros, partimos do princípio de que sua fala apresenta vários tipos de *marcadores conversacionais* que se caracterizam por servir à contextualiza-

¹ Marcador Conversacional: elemento discursivo freqüente nos textos falados que fornecem pistas aos interlocutores.

ção do discurso, contribuindo, assim, para a sua identificação, enquanto *marcadores discursivos*. São elementos interativos que estabelecem vínculos entre documentador e informante e servem, algumas vezes, para preservar a face, tanto de um como de outro, no decorrer de um ato comunicativo. Esses *marcadores conversacionais* apresentam posições várias e desempenham funções interacionais diversas, algumas delas próprias, que ora contribuem para minimizar os problemas comunicativos, ora para dinamizar e acelerar o processo social.

A par disso, acreditamos ser o estudo dos marcadores um fenômeno complexo e focalizável sob mais de um ponto de vista. Seu estudo, então, depende das características do material em que eles se manifestam e da perspectiva teórica que ilumina a investigação. Portanto, a atribuição de funções dada aos marcadores pode variar de acordo com o analista.

Diante disso, este estudo se restringirá a focalizar os *marcadores conversacionais né, aí, assim*, na fala dos canoeiros, dada a grande frequência de seu uso. Se considerarmos a frequência com que os interlocutores se utilizam desses marcadores em suas falas, temos de admitir que sua constante presença é um procedimento relevante na construção textual e, portanto, merecedor de um estudo mais sistemático.

Pressupomos, então, que os *marcadores conversacionais né, aí, assim* adquirem, na fala dos canoeiros, vários efeitos de sentido, no decorrer do processo comunicativo que se estabelece entre *ele* e o *documentador*, mediante as normas de interação e de interpretação durante a interação social.

Tendo em vista que a presente pesquisa se orientará pelas práticas da *Análise da Conversação* de linha *Etnometodológica e Lingüística*, admitimos que os resultados definitivos só se consolidarão com o desdobramento analítico do material em estudo — no caso, as *entrevistas* dadas aos documentadores pelos canoeiros do Ver-o-peso.

O *corpus* que sustentará a análise será constituído do material constante em 05 (cinco) entrevistas que perfazem um

total de 05 (cinco) horas de gravações. A faixa etária dos informantes está entre 35 (trinta e cinco) anos e mais de 50 (cinquenta anos). São analfabetos e alfabetizados até a segunda série do antigo curso primário. Por serem canoeiros são todos do sexo masculino e pertencem à microrregião formada pelos municípios de *Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Mirim e Moju*.

2 O Processo Social-Comunicativo e a Interação Humana

Para Berger & Luckmann (1994), a linguagem está relacionada com o conhecimento da realidade da vida cotidiana, uma vez que, na vida cotidiana e sobretudo na vida com a linguagem, e por meio dela, participamos e interagimos com os nossos semelhantes. Por isso a linguagem é essencial para que possamos compreender essa realidade. Assim, para os autores, o *processo social-comunicativo* é responsável pelo envolvimento entre os interlocutores no decorrer da interação humana.

É, segundo os autores, no processo comunicativo *face a face* que ocorre a mais importante experiência com o outro, e é, neste processo, que atuam os *esquemas tipificadores* que são padronizados pela rotina da vida cotidiana. Os *esquemas tipificadores* da situação *face² a face* são recíprocos. Dessa forma, tanto há interferência do ouvinte sobre os *esquemas tipificadores* do falante, quanto do falante sobre os do ouvinte. Isso leva Berger & Luckmann (1994) a sugerirem que os *esquemas tipificadores* se registram lingüisticamente por meio de normas de *interação* e de *interpretação*. Então, a negociação do *tópico discursivo* e do *significado* a ser atribuído às estruturas lingüísticas depende dessas normas e poderá variar de sociedade para sociedade.

O processo comunicativo, para os autores, então, é governado por normas de *interação* e de *interpretação*. No

² Face: auto-imagem pública.

entanto, esse processo deve ser examinado como integrante de uma *matriz cultural*. Da etnografia da comunicação deriva nossa preocupação em investigar o processo comunicativo dos canoeiros como “fontes de conhecimento e discernimento compartilhado” (Hymes, 1977, p. 8). Na visão de Hymes, os valores culturais, as crenças, as instituições e os papéis sociais, a história e a ecologia de uma comunidade devem ser investigados na influência que exercem sobre os padrões e eventos comunicativos.

Daí a importância dada à *interação* e à *interpretação* no *processo comunicativo*. Mesmo assim, é importante que, em uma comunidade de fala, observem-se as relações entre os *eventos de fala, atos e estilos*, de um lado, e *habilidades pessoais, papéis, contextos e instituições, crenças, valores e atitudes*, do outro; é essa relação interpretadora que chamamos de *modos de fala*.

Os *modos de fala* se associam a determinados contextos de uso, instituições e tipos de atividades. Para Levinson (1979, p. 368), esses tipos de atividades caracterizam-se como:

“um objetivo definido por metas, constituído socialmente, limitado com restrições sobre os participantes, localização etc., mas acima de tudo sobre as espécies de contribuições permissíveis.”

Os vários tipos de atividades, que são partes de uma comunidade de fala, são governados por normas culturais que lhes determinam os participantes, o ambiente e o tipo de contribuição permissível. Um componente importante dos diversos tipos de atividade de fala são as marcas de *interação* e de *interpretação*.

Em síntese, pode-se dizer que as normas de *interação* relacionam-se às *perguntas* feitas pelo *documentador* para a descrição das situações comunicativas dos *informantes*; as normas de *interpretação*, porém, podem variar entre os falantes de diferentes camadas sociais ou regionais, relacionando-se ao

sistema de valores e crenças de uma comunidade. Essas normas que governam o processo comunicativo vão da relação com o outro, passando pelo conhecimento lingüístico e social, partilhado pelos membros de uma comunidade, os seus modos de falar, os sistemas de valores e crenças e a negociação de quadros interpretativos.

Levando em conta essas reflexões, faremos um estudo dos *marcadores conversacionais né, aí, assim*, enfatizando os efeitos de sentido desses marcadores em relação ao processo comunicativo. Para tanto, levaremos em conta o papel da *assimetria*, já que estamos trabalhando com um *corpus* constituído de *entrevistas*.

3 A Função dos Marcadores NÉ, AÍ, ASSIM em Relação ao Processo Comunicativo

3.1 A Função do Marcador Né

De acordo com Marcuschi (1986, p. 66), os marcadores conversacionais podem ter funções específicas, tanto conversacionais como sintáticas. Este trabalho, no entanto, levará em conta a função do marcador *né* relacionado com o processo comunicativo que se instaura no momento da interlocução entre documentador e informante. Para uma compreensão melhor de como esse marcador funciona, ater-nos-emos nos vários efeitos de sentido que o mesmo adquire nos enunciados, quando da produção discursiva pelo falante.

Seguindo Hymes (1977), também entendemos que é importante que se conheçam os valores sociais, já que eles exercem influências sobre os padrões e eventos comunicativos, nos enunciados. Assim sendo, neste estudo, os valores sociais irão corporificando-se à medida que os textos forem sendo analisados. Para tanto, vejamos alguns exemplos:

1 Infrentanu é::: farta de alimentaçaõ é::: saúdi i elis senti nicissidadi di muinta cuisa... quasi tudu né?

O informante ao enumerar as dificuldades enfrentadas, usa o operador³ *quasi tudo*, para sintetizar todas as suas necessidades e o marcador *né*, para *pedir confirmação* do que disse e, ao mesmo tempo, *envolver o documentador* no que está enunciando.

2 Foi criadu numa pubreza muintu grandi. Eu passei muinta disgraca tameim a miséria i a nicissidadi né?

3 Peguei meus irmão, ispalhei pur parentis i amigu i cumecei a trabalhá::: /.../ Cum alguns anu, quatro o cinco anu depois eu tirei minha mãe du huspíciu, ajuntei de nuvu tudus us meus irmão é::: criei de nuvu uma família né? tudu mundu né? /.../

No enunciado 2, o informante fala das dificuldades pelas quais passou quando criança, especificadas pelas palavras, *pobreza*, *desgraça*, *miséria* e *necessidade*. O marcador *né*, no final do enunciado, além da *função interativa*, ainda *busca a solidariedade* do documentador para o que foi relatado pelo informante.

No enunciado 3, o informante mostra a necessidade de desfazer a família, dada a doença de sua mãe. No entanto, mais tarde, com a volta de sua mãe, consegue reuni-la novamente. Esse *desfazer* e esse *reunir* se deu de forma metafórica, já que os verbos *espalhar* e *ajuntar* criam um efeito de sentido um tanto adverso. O marcador *né*, que aparece nos enunciados, leva o documentador a *inteirar-se* dos acontecimentos, isto é, saber da razão pela qual houve a necessidade de a família por um período de tempo ficar separada.

4 Boum, na cidadi. Na cidadi de Abaetetuba vucê vai nu mercadu de pexi vucê incontra tudu quantu é marca de pexi

³ Operador: elemento gramatical de uma língua que indica/mostra a força argumentativa dos enunciados.

praticamenti né? Agora vai na fera de mantimentaçaõ sargada, de alimentaçaõ sargada, vucê incontra capivara, vucê incontra jacaré, carni de jacaré, vucê incontra pexi lisu cumu a durada /.../ i falanu in pexi é u mais prifiridu da regiãu é u mapará né? Incontra muintu camarãu na fera. Carni de gadu, issu sãu complementaçaõ mais prifirida da cidadi né?

No enunciado 4, após discorrer sobre os tipos de alimentos no mercado, o informante usa o operador *praticamente*, resumindo o que disse. Posteriormente, usa o marcador *né* que aparece para *confirmar* o que foi enunciado e também como um *marcador de pausa* ao próximo enunciado, cujo início se dá com o marcador temporal *agora*, explicando a seqüencialidade do discurso. Assim, deduz-se que, quando um turno termina com o marcador *né*, e o próximo se inicia com um marcador temporal, uma das funções do marcador *né* é de *marcador de interação*.

Ao dizer que a carne de *gado* é complementação, usa o marcador *né* como uma forma de *induzir* o documentador a *aceitar* o que está enunciando.

5 Boum, um barcu eli é cunstruidu cum a quilha, u talhamata, dracinhu, ispinha, é::: cum madeira marca pau-d'arc, é a milhó marca qui teim né? /.../ é cum piquiá du verdaderu i teim u piquiá du::: da utra marca qui agenti chama inferiu né? Qué dizê, teim duas marca né?

O informante enfatiza, além do pau-d'arco, a importância que tem a madeira piquiá. Essa importância está presa ao fato de que é uma madeira bastante resistente à água. Então, o marcador *né* é usado para *pedir confirmação da compreensão* do que é enunciado. Como o conhecimento é partilhado, uma vez que em sua pergunta o documentador demonstrou conhecimento sobre a fabricação de barcos, o marcador *né* tem uma *função de manter a interação* entre ambos.

No último segmento da resposta, o informante, após

especificar as duas marcas do piquiá: verdadeiro e falso, usa o marcador atenuador *quer dizer*, tanto numa função sintetizadora como introdutora de paráfrase. Tal fato se dá por ser comum a venda de um tipo de piquiá em lugar do outro. Após essas informações, o marcador *né* aparece como um *pedido de confirmação* e, assim, o informante e o documentador tornam-se *cúmplices*, do ato que foi enunciado.

6 Boum! issu aí paca é incuntradu nu interiu, nus terrenu ainda qui num furu pontu de derrubada /.../ Elis fazi essi jiró beim artu i us caçadu ficum lá isperanu a paca, aí elas veim pra lá fazê cumidia né?

O turno é iniciado com o marcador *bom*, em 6, numa função *exclamativa* e numa função de *adiamento*, sobre aquilo que o informante vai discorrer. Depois usa o operador *issu aí*, para referir-se à paca, numa função de *determinante*. Em seguida, ele diz onde e como encontrá-la e usa o marcador *né*, pós-posicionado à palavra *comedia*. Como no todo do enunciado há verdadeiras lacunas, o marcador *né* assume a função de *eliminar essas lacunas e envolver o documentador*, que *pede confirmação da compreensão* do que está enunciando.

7 Pareci qui vinti uitu de nuvembru qui é dia du Círiu lá né?

Em 7, ao falar da festa do Círio, o informante fica indeciso quanto à data. Essa indecisão é expressa pelo verbo *parecer*. Dessa forma, ele não se compromete e preserva sua face positiva⁴. Mesmo em dúvida, ele usa o marcador *né*, para *sondar a compreensão* do documentador para o que está enunciando.

8 Aqui nãu teim cundições de fazê horta né? O quintar é muintu piquenu.

⁴ Face positiva: modo como a pessoa deseja ser vista pelos outros e gostaria de ver preservada.

Aqui, em 8, o informante esclarece que não tem horta porque, sendo o quintal de sua casa pequeno, não há condições de plantar. O marcador *né*, então, *confirma* o que lhe foi perguntado pelo documentador e tem a função também de *ênfatizar negação* que aparece pós-posicionada ao dêitico espacial *aqui*. Isso decorre de que o uso da negação limita, de certa forma, a resposta do informante e enquadra-se nas respostas do tipo sim-não, levando, assim, o informante a preservar sua face positiva ao explicar que a razão de não haver horta no quintal dá-se pelo fato de o quintal ser pequeno e não por desleixo ou preguiça do informante.

9 Festa de onzi nuitu, festa bunita primeramenti né?

No enunciado 9, são informadas ao documentador a duração e a beleza que a festa apresenta. O operador *primeiramente*, apesar de vir quase no final do turno, depois de *festa bonita*, tem o papel de *cientificar ao documentador* que primeiro a festa é bonita; depois que dura onze noites. Com o marcador *né*, o informante *solicita a concordância* do seu interlocutor para o que acaba de enunciar.

10 /.../ Andei um pucu quandu uvi um barulhu, uvi um barulhu, uvi quandu pulu n'água, ulhei lá, antãu eli num tava mais só pudia sê u butu... quandu ulhei lá u homi, u homi num tava mais, tinha puladu n'água né? Foi u qui ja vi de butu.

No turno 10, para indicar a veracidade do fato afirmado, o informante usa o marcador *né*. Em seguida, ele faz uma breve narração sobre o boto. Usa os verbos de percepção *ver*, *ouvir*, *olhar* e, com isso, resguarda sua face positiva. Logo após afirmar ter olhado e não ter visto mais o homem, usa o marcador *então* e conclui ter visto o boto. Usa a narrativa para enfatizar o que diz e, para *indicar a veracidade* do fato e *envolver* o documentador no seu relato, usa o marcador *né* no final do turno, com função interativa.

3.2 A Função do Marcador *ai*

O marcador *ai*, além do aspecto adverbial serve também como variante da conjunção coordenativa *e*, razão por que, segundo Schiffrin (1987), a partícula *e* pode adquirir dois papéis na linguagem oral: *coordenador de unidades de idéias* ou *continuador da ação do orador*, podendo ligar diferentes níveis de unidades de idéias dentro do mesmo discurso, isto é, *unidades locais* (eventos dentro de um argumento geral e dentro de um argumento específico) e *unidades globais* (duas partes do argumento geral).

11 /.../ I depois de uns trinta anu de idadi, eu fez a minha independença i cumecei a trabalhá pur conta própria ja cumu pruprietaru.

12 Já, quando eu foi trabalhá pru interiu já tinha minha casa ai. (Doc) E o senhor casou logo? Nãu, quando eu foi trabalhá pu interiu ainda nu era casadu.

A partícula *e*, como se vê, liga diferentes níveis de idéias, sendo assim, é, ao mesmo tempo, *marcador ideacional* (o que é acionado pelo falante para a negociação do tema) e *interacional* (o que serve para administrar os turnos conversacionais). Percebe-se também que o *e* continua as idéias dos interlocutores, transformando a fala em produto do espaço mútuo, construindo, então, uma estrutura única. Isso ocorre principalmente nos diálogos assimétricos, em que a pergunta do documentador é completada pela resposta do informante (Schiffrin, 1987). A dificuldade de se perceber essa mudança de assunto no momento da interação entre os interlocutores é um tanto árdua, em decorrência da dificuldade de se perceber o momento em que um *novo turno* está para ser introduzido.

O marcador conversacional *ai* caracteriza-se no discurso de várias formas. É um marcador que ocorre com maior frequência no meio do turno, podendo também ocorrer em início

de unidade comunicativa⁵. Por ser um *marcador continuador* e por desempenhar várias funções no discurso dos canoeiros, estudaremos esse marcador levando em conta sempre a relação *documentador* e *informante*, dando especial atenção às formas que contribuem para uma maior interação face a face no decorrer da entrevista. Vejamos os exemplos:

13 Nus terrenu qui nãu istãu muintu é::: derrubadu, ai faz a caça de paca nu mutá /.../ Elis fazi essi jiró beim artu i us caçadu ficum lá isperanu a paca, ai quando veim cumeçá a nuiti, ai elas veim pra lá fazê cumidia, né?

Para a continuação do que está a narrar, o informante usa o marcador *ai* para relacionar as seqüências do discurso. O marcador *ai*, *no corpus*, aparece em uma posição inicial em todas as unidades comunicativas, a fim de que a coerência do enunciado se mantenha, mediante a maneira como os fatos vão-se processando.

14 Intãu nós tivemu umas quadru hora de agunia mais u menu, i quando foi nessi periudu de tempu ai de quatro hora /.../ nós caimu né? caimu e::: ai eu fiquei disacordadu /.../ Ai fui pru hospitar disacordadu i fiz u meu tratamentu.

Numa função *continuadora*, em 14, o marcador *ai* aparece *intensificado* pelo marcador *né*, que está numa função interativa. Em seguida, enumera os passos do fato ocorrido: a queda do avião, o passageiro desacordado pela queda, a ida para o hospital e o tratamento.

15 Ai, trás uma xícara de leiti de peitu. Ai disconta mais u menu um parmu da puntinha du rabu e num olha pra cima, ai tu corta /.../ Ai prontu as ilha parum de andá.

Nessê texto, o marcador *ai* está *seqüenciando* os

⁵ Unidade Comunicativa: expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade tipo frase.

enunciados, que determinam as ações a serem realizadas. Finalmente, o marcador *ai* seguido de uma *breve pausa*, liga-se ao operador *pronto*, que, desempenhando uma função *conclusiva e resumidora*, explica todo o processo usado para que as duas ilhas parassem de andar.

16 Trabalho é::: num cumecei trabalhá, *ai* trabalhei i era minha vuntadi de trabalhá era imbarcadiçu, imbarcadu sabi? *Ai* eu foi arranjei um tratu um lugá nu barcu.

No exemplo 16, o informante, ao ser indagado sobre o trabalho, explica como começou a trabalhar e, iniciando a explicação, usa o marcador *ai* junto ao verbo *trabalhar* na forma pretérita, *confirmando* o que lhe fora indagado. Finalizando sua resposta, inicia a unidade comunicativa com o marcador *ai*, *seqüenciando* uma *conclusão*, ao enunciar ter arranjado um emprego no barco. *Resguarda sua face positiva*, com a presença do dêitico pessoal *eu* anteposto à locução verbal *ir arranjar*.

3.3 A Função do Marcador Assim

Silva & Macedo (1987), ao estudar o marcador *assim*, consideram-no como um *preenchedor de pausa*. Segundo as autoras, ele evita o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado.

Urbano (1993), analisando o inquérito 360 do (NURC), linha 1226, apresenta a forma *assim* como um elemento catafórico que sinaliza uma atitude hesitante do falante. Enquanto preenchedor de pausa, o marcador “*assim* pode ser encarado como ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar” (p.88). Na linha 1245 do mesmo inquérito, para o autor, o marcador *assim* desempenha uma função de adjunto adverbial e, para Ilari (1991), uma função de adjunto adnominal.

Assim sendo, para se analisar o marcador *assim* taxionomicamente, partimos do princípio de que a forma *assim* é um marcador que a todo instante está reforçando as idéias manifestadas pelos canoeiros no decorrer de sua produção discursiva.

No estudo do marcador *assim*, levamos em consideração, como no estudo dos marcadores *né* e *ai*, tanto as informações sociais, os dados lingüísticos de cada informante, quanto o interesse desses no envolvimento social.

Inicialmente, percebemos que o marcador *assim* adquire vários efeitos de sentido decorrentes das relações que se estabelecem entre *documentador* e *informante*, através dos diálogos no momento da inter-relação, vejamos:

17 Ah! já foi uma vida muintu tranquila, eu saía *assim* pa bera da::: pa bera *assim* de::: dessas cachuera, sabi?

O marcador *assim*, nesse enunciado, após a forma verbal *sair*, verbo de movimento, tem a função de explicar o modo, a maneira como o informante saía em direção à beira do rio. Em seguida, o marcador *assim*, após o substantivo *beira*, marca uma *certa hesitação*, e, cataforicamente, está relacionado com a palavra *cachoeira*, que é o lugar para onde o informante se dirigia.

18 Tameim agenti via muinta tartaruga... *assim* nu fundu, sabi?

Em 18, o marcador *assim* está pós-posicionado ao verbo *ver* e pré-posicionado ao marcador *sabe*. Nessa posição, o marcador *assim* indica uma pausa, isto é, o informante interrompe o que ia dizer, antes de usar o marcador *sabe*, que serve para manter a interação entre os interlocutores do discurso.

19 /.../ Quandu agenti ia cumprá a dispesa, agenti vinha *assim* puxandu naquelas rama *assim*, sabi.

Nesse texto, o marcador *assim* está pós-posicionado

ao verbo *vir* e pré-posicionado ao substantivo *rama*, explicando a maneira como o informante vinha, e a forma como pegava nas ramas para ajudar na impulsão do casco na subida da cachoeira.

20 Pa i era boum pa saí de casa, mais pa vortá era difiçu *assim* pur causa de muinta correnteza.

Dada a dificuldade enunciada pelo informante, o marcador *assim* aparece no relato como um reforçador dessa dificuldade, e se liga, cataforicamente, ao segmento “por causa de muinta correnteza”.

21 Nãu, eu tinha muinta vuntadi /.../ Tenhu uma cabeça muinta bua graças a Deus mermu, sei gravá quarqué cuisa *assim*.

O marcador *assim*, pós-posicionado à palavra *coisa* confirma a capacidade de o informante aprender o que lhe ensinassem.

22 /.../ Huji, quando si tá cuntanu umas cuisa, tá cuntanu, cuntanu u negoçu, veim um de lá e diz: — nãu, num foi *assim* né? é *assim* já si meti /.../

Ao enunciar o comportamento dos filhos, usa, pós-posicionada ao verbo *ser*, a forma *assim*. Primeiro, numa função intensificadora da negação; segundo pedindo confirmação do documentador com o marcador *né*. Após o verbo *ser*, no enunciado seguinte, aparece novamente o marcador *assim* e o operador *já* ratifica que as crianças, hoje, interferem na conversa dos adultos.

23 Ah! nãu, eu murei numa ilha num tinha nada dissu. Agenti pegava remédiu, lá nu cumerçu é qui cumprava remédiu pa::: *assim*, dori de cóliqui, pra quem era privinidu. Agenti andava *assim* né? teim qui tá privinidu numa ilha dessa qui num teim nada *assim*.

O primeiro marcador *assim*, no texto, liga-se cataforicamente ao segmento *dores de cólica*, isto é, explica o motivo da compra do remédio para uma doença determinada. Em seguida tem uma função explicativa. Posteriormente, aparece o operador *nada*, que é reforçado pelo marcador *assim*, confirmando a verdade de tudo o que está sendo relatado, isto é, a vida precária que levavam os habitantes da ilha — seu *habitat*.

24 /.../ num sei quem é, num sei quem tá durminu porri, vu mexê cum eli pa eli brigá cumigu, *assim* dexa eli ficá aí.

Nesse enunciado, a forma *assim* aparece pós-posicionada ao dêitico pessoal *comigo*. Dessa forma, o marcador *assim* manifesta uma função de intensificador de lugar já que, cataforicamente, prende-se ao lugar em que estava o boto, pelo segmento “deixa ele ficá aí”.

25 A minha casa é essa. Ela é uma pratibanda, teim aí um matuzinhu, teim um quintarzinhu mais u menu, plantivu i frutivu, teim mermu u açai, cupu i::: aquelu abacati qui já dá alguma cuisa, i u restu é *ansim* mermu, é u qui teim é issu mermu, é u qui teim /.../ teim umas mais ainda são frutivas.

Ao terminar a descrição de sua casa, o informante diz que o resto é *assim*. O resto significa aquilo que ele não descreveu, talvez porque esteja visível para o documentador. No entanto, o informante usa a forma *assim*, conclusivamente, pois diz que o restante não é tão diferente do que foi descrito, nem do que pode ser visto pelo documentador.

4 Conclusão

O marcador *né*, que é usado pelos canoeiros do Ver-opeso para solicitar atenção de seu interlocutor sobre o que estão enunciando, apresentou efeitos de sentido diversificados, mantendo a inter-relação social. No entanto, a sua função básica,

assim como as dos marcadores *ai* e *assim*, está relacionada ao importante papel que desempenha na organização do discurso, como elemento necessário à interação.

O marcador *ai*, na fala dos canoeiros, apresenta-se como um marcador cuja função fundamental é a de continuar as idéias no discurso de forma coesa e coerente. Em outras palavras, é uma forma que marca a sucessão no discurso de um tópico para o outro, ou seja, o marcador *ai* é um recurso disponível para indicar, então, mudança de assunto na conversação. No entanto, apesar de sua função geral, o marcador *ai* pode apresentar os mais diversos efeitos de sentido dependendo do envolvimento que se estabeleça entre documentador e informante no decorrer da conversação.

Em relação ao marcador *assim*, na produção discursiva dos canoeiros, podem-se fazer as seguintes considerações: esse marcador pode ser uma simples hesitação, podendo também aparecer com várias funções, dependendo do contexto em que está inserido e do envolvimento social que se estabeleça entre os interlocutores no decorrer da interação verbal.

Dessa forma, percebemos que a presença dos marcadores *né*, *ai*, *assim* é de grande importância nos modos de organização do discurso dos canoeiros, dada a relevância que os mesmos têm na interação que se estabelece entre os interlocutores de uma conversação — no caso documentador/ informante.

O discurso dos canoeiros se efetiva mediante vários modos de organização discursiva. Os vários efeitos de sentido dos marcadores *né*, *ai*, *assim* usados pelos canoeiros, têm a função de levá-los a envolverem-se socialmente e de manterem a interação com seu interlocutor no momento da inter-relação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, P.L., LUCKMANN, T. *A Constituição Social da Realidade*. Trad. F.S. Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1994.

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.8, p.39-55, jul./dez., 1997

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics: an Ethnographic approach*. Londres: Tavistock Publications, 1977.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1991. V. 1.

LEVINSON, A. C. Activity types and language. *Linguistics*. p. 365-99, 1979.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, 82)

SCHIFFRIN, D. *Discourse Marker*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. et al. (Org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

SILVA, G. M. de O., MACEDO, A. T. de. O status informacional dos marcadores do discurso. In: *Seminário do GEL*, 33, Campinas. Anais... Campinas, junho, mimeo.